

Introdução:

Este trabalho tem o objetivo de investigar a ontologia subjacente aos discursos do personagem Sócrates nos diálogos platônicos. Sem dúvida, esta questão possui extrema importância na compreensão do pensamento expresso na obra de Platão, principalmente por dois motivos. Primeiro, porque o personagem Sócrates se apresenta como protagonista e condutor das discussões filosóficas descritas na maior parte dos diálogos. E, em segundo lugar, porque podemos plausivelmente sustentar que o cerne da filosofia platônica encontra-se na afirmação de uma tese ontológica, a saber: a tese da existência das Formas inteligíveis, entidades ontologicamente prioritárias e independentes dos objetos de nossa experiência sensível.

Pretendo defender a hipótese de que, durante todas as obras do período médio e inicial da carreira literária de Platão, o personagem Sócrates defende uma mesma ontologia constituída por coisas sensíveis e Formas. É importante ressaltar que, ao afirmar a unidade da posição socrática no que diz respeito ao reconhecimento da existência das Formas, estou me colocando contra a maioria esmagadora de comentadores que, desde a segunda metade do século XX, afirma, em uníssono, a existência de um grupo de diálogos nos quais a afirmação da existência das Formas não pode ser encontrada.

A partir das obras destes comentadores, é possível reconhecer um conjunto de argumentos e pressupostos que constituem aquilo que denominarei de “paradigma atual de interpretação dos diálogos de Platão”. No primeiro capítulo, analiso a formação deste paradigma de interpretação, que tem como característica principal o reconhecimento de três fases distintas da produção literária de Platão, em paralelo direto a três fases de seu amadurecimento filosófico. A pesquisa por mim realizada identificou nos helenistas alemães do século XIX a fonte mais antiga de inspiração para construção deste paradigma. Pretendo demonstrar como alguns dos preceitos desenvolvidos por estes helenistas do século XIX mantêm-se influentes nos dias de hoje e, sobretudo, como algumas assunções questionáveis realizadas por estes comentadores ainda podem ser identificadas no paradigma de

interpretação atualmente vigente.

Ainda no primeiro capítulo, investigo os resultados obtidos pelo método estilométrico de ordenação cronológica da obra de Platão. Novamente, meu objetivo é apontar influências positivas e negativas deste procedimento de datação na formação do arcabouço teórico adotado pelos comentadores de hoje.

Como último passo argumentativo do primeiro capítulo, questiono ideia de que é possível encontrar, no conjunto de diálogos platônicos, um grupo de obras dedicadas à recriação do pensamento do Sócrates histórico. E, com base nos resultados precedentes, apresento uma análise crítica da hipótese teórica de que podemos traçar, a partir da obra de literária de Platão, fases do desenvolvimento filosófico deste pensador.

O segundo capítulo aborda a questão espinhosa da presença das Formas nos argumentos dos primeiros diálogos de Platão. A argumentação por mim desenvolvida procura demonstrar como a busca socrática por definições pressupõe a existência destas entidades. Partindo de uma exposição dos usos pré-platônicos dos termos εἶδος e ἰδέα, demonstro como Sócrates, através do procedimento de busca por definições, atribui um novo sentido para estas palavras, que passam a ser usadas para designar entidades ontologicamente prioritárias e independentes, apresentadas por ele como causas das propriedades dos objetos sensíveis. Posteriormente, estendo estes resultados para outros diálogos da primeira fase, argumentando em favor da atribuição de uma ontologia unificada ao personagem Sócrates. Como conclusão ao segundo capítulo, investigo os motivos que teriam levado Platão a escolher a busca por definições dos primeiros diálogos como forma de apresentação de sua Teoria das Ideias.

No terceiro capítulo, reconstruo a apresentação da Teoria das Ideias contida nos diálogos *Fédon* e *Banquete*. Meu objetivo principal é ressaltar a continuidade existente entre a explicitação do modo de ser das Formas nestas duas obras e a apresentação destas entidades no contexto de busca por definições dos diálogos iniciais. Deste modo, pretendo enfatizar como o vocabulário técnico usado para caracterizar as Formas nos diálogos médios apresenta-se em nítida continuidade com a argumentação desenvolvida nos primeiros diálogos. O mesmo pode ser dito do uso destas entidades como causa das propriedades dos objetos sensíveis e solução para questão “o que é x?”, que são características herdadas dos diálogos da primeira fase e que ganham um tratamento mais sistemático nos

diálogos médios.

O terceiro capítulo encerra a primeira parte da tese. Neste momento de minha argumentação, o leitor deve estar convencido de que as características ontológicas atribuídas às Formas estão diretamente ligadas ao papel destas entidades como solução para os problemas teóricos decorrentes da constituição ontológica dos objetos sensíveis, sobretudo aqueles relacionados à copresença de propriedades opostas nestas entidades.

Todo o restante da tese está dedicada à interpretação da primeira parte do diálogo *Parmênides*. Em um primeiro momento, argumento que as Formas apresentadas pelo jovem Sócrates neste diálogo guardam todos os aspectos essenciais da Teoria das Ideias cuidadosamente desenvolvida desde os diálogos iniciais. Em seguida, demonstro como as críticas de Parmênides se configuram como uma refutação logicamente válida e, sobretudo, extremamente relevante à distinção ontológica proposta por Sócrates entre Formas e objetos sensíveis.

Ao final da tese, espero deixar claro ao leitor o percurso filosófico desenvolvido por Sócrates no interior da obra platônica. Todo este percurso está voltado para explicitação de uma mesma teoria fundada na afirmação da distinção ontológica entre Formas e objetos sensíveis.